

# A ESCALA DAS COISAS: AMBIGUIDADES FOTOGRÁFICAS EM OBJETOS SIMBIÓTICOS

SCALE OF THINGS: PHOTOGRAPHIC AMBIGUITIES IN SYMBIOTICS  
OBJECTS

**Roseli Nery**  
**FURG**

**Resumo:** Este artigo discute as relações de escala entre alguns objetos cotidianos e o corpo humano através de um grupo de trabalhos de caráter escultórico e fotográfico. Objetos pequenos do cotidiano doméstico foram associados a miniaturas de mobiliários também domésticos que são conhecidos por serem proporcionais a escala humana. As imagens fotográficas dessas associações foram ampliadas para interagirem com o espaço de instalação possibilitando percepções ambíguas sobre tamanho e escala bem como as relações entre pessoas e coisas.

Palavras-chave: Objeto, escala, corpo, fotografia.

**Abstract:** *This article discusses the scale of relationships between some daily objects and the human body through a group of sculptural and photographic work. Small objects of daily household were also associated with domestic furniture miniature that are known to be proportional to human scale. Photographic images of these associations were expanded to interact with the installation space enabling ambiguous perceptions of size and scale and the relationships between people and things.*

**Keywords:** *objects, scale, body, photography.*

### Preâmbulo

Robert Smithson (Nova Jersey, EUA, 1938 – 1973) através de suas intervenções grandiosas a céu aberto nos propõe a situação que poderíamos chamar de sublime, “modalidade da experiência estética que traz a ideia de vastidão e temor perante a natureza levando em conta os aspectos selvagens imponentes e extraordinários da paisagem natural” (Chilvers, 1996, p 511). Frente ao seu trabalho, a figura humana se coloca numa condição insignificante diante da grandeza da obra realizada a partir dos recursos naturais existentes daquele lugar. Neste aspecto pode-se refletir sobre qual é a nossa importância frente às coisas, considerando o tamanho e a escala daquilo que nos rodeia. Que relação criamos com o que está ao nosso redor, sejam elas grandes ou pequenas? Podemos pensar no grande, como *Spiral Jetty*<sup>1</sup> de Robert Smithson, e colocarmo-nos na situação de pequenez. Mas, por outro lado, com um olhar mais atento

e não tão longínquo pode-se perceber a imensa quantidade de coisas pequenas quase imperceptíveis que estão ao nosso redor. Assim nos afrontam os objetos por exemplo, através do trabalho de Lynn Beldner (Filadélfia, 1954), associações delicadas diante das quais é possível nos sentirmos agigantados (Figura 1).

Cotidianamente estamos rodeados de acontecimentos e coisas pequenas, desde uma planta que nasce na fresta da calçada até aquela agulha perdida no fundo da gaveta. Ampliando o campo de visão, deslocando o corpo e o olhar percebe-se que bem próximos estão estes ínfimos objetos cotidianos. Considerando as dimensões destas coisas, Smithson coloca que

[...] a escala do *Spiral Jetty* tende a flutuar, dependendo de onde o observador se encontra. O tamanho determina um objeto, mas a escala determina a arte. Uma rachadura na parede, se vista em termos de escala, não de tamanho, poderia ser chamada de o

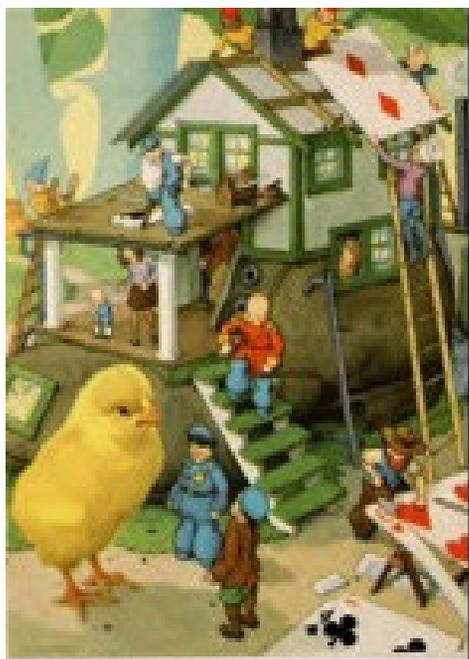


Figura 1. Lynn Beldner, Sem título, 2012. Acervo da artista.

Grand Canyon. (...) A escala depende de da nossa capacidade de estar consciente das realidades da percepção (SMITHSON, 1979, p.112).

Entende-se que dependendo da percepção e do ponto de vista podemos ser anódinos frente a imensidão do universo ou, imponentes diante de coisas minúsculas. Está em cheque a força do objeto que nos deparamos e que nos faz ter consciência destas relações que podem ir muito além do tamanho e da escala e adentrar em outras esferas como as de afeto, de domínio, de indiferença dentre outras como desejo, desafeto, identidade e memória. Objetos pequenos soam como miniaturas, que segundo Bachelard, “é uma das moradas da grandeza” (Bachelard, 2000, p.164) talvez estes trabalhos instiguem o despertar desta grandeza a cada pessoa que o percebe.

Os objetos utilitários cotidianos bem pequenos, os micro-objetos, segundo a classificação



de Moles (1981, p. 27), objetos “que se seguram entre os dedos”, ou poder-se-ia também dizer, aqueles “que se podem pegar no côncavo da mão” (Ponge, 2000, p.16) a alguns anos têm sido protagonistas de um amplo projeto de pesquisa pessoal em poéticas visuais cujo alguns aspectos relacionados à escala estão apresentados neste artigo.

Analisamos aqui o sentido de escala a partir da arquitetura que leva em conta principalmente o tamanho da figura humana, que seria a relação de medidas entre o objeto real ou representado e a medida humana, segundo exposto por Dondis, 1997. A escala requer comparação entre tamanhos/medidas.

### Encantamento pelo pequeno.

Os desejos visuais que movem a pesquisa poética cuja parcela está apresentada aqui tem origem remota, a infância. Um livro muito simples era a motivação para leituras e diversão. Trata-se de “Os vizinhos dos anõezinhos”, de William Donahey . Este livro era de minha mãe, da época da sua infância e foi um presente de sua professora (a dedicatória data de 1957). Ela lia para os filhos e deixava que brincássemos com ele. Depois de muitos anos esquecido, e após a morte dos meus pais, este livro coube a mim, guardar. Tal objeto exercia em mim uma fascinação que apenas recentemente tive consciência. Foi um reencontro saudoso e triste, mas que ao mesmo tempo trouxe a clareza sobre esta inclinação pessoal pela natureza e por pequenas coisas. Eu não me lembrava das histórias, mas as ilustrações vieram como um presente. Trata-se de pequenas criaturinhas humanas que vivem escondidas em meio aos objetos dos humanos “reais”. Alguns moram em chaleiras ou botinas velhas (Figura 2), usam de-  
dais como baldes, e alfinetes de costura como arma para afugentar o perigo.

Figura 2. Ilustração do livro “Os vizinhos dos anõezinhos. Fonte: Donahey, 1950.

Estas imagens fantasiosas de casas miniaturizadas presente na literatura, foi abordada intensamente por Gaston Bachelard, segundo ele estas questões interessam aos sonhadores e, “são objetos falsos providos de uma objetividade psicológica verdadeira” (Bachelard, 2000, p. 157). O autor discorre sobre a miniatura de maneira suave e encantadora trazendo a tona o sentido da miniatura, seu entendimento humano através de espaços e distanciamentos onde a mudança de perspectiva pode gerar diferentes percepções nas quais o pequeno ganha força do grande. Estas possibilidades de variações do olhar em relação ao ângulo e a perspectiva são apresentadas aqui através do olhar fotográfico que permite criar realidades, ou, melhor dizendo, permite dar ao espectador a oportunidade de entrar em contato com imagens de objetos em situações inusitadas.

Outra produção literária importante que estabelece relações de escala e consequentemente dialoga com o produto desta pesquisa é o livro de Lewis Carol. Alice no país das maravilhas é um exemplo marcante sobre a fantasia de um humano estar pequeno frente ao mundo e, consequentemente as coisas que o preenchem. Alice, quando se depara com a pequena porta de 40 cm ela quer abri-la, para isso deve usar a “chave de ouro”. Mas, Alice é muito grande para passar pela porta que a leva a um pequeno mundo onde está o maravilhoso jardim. Neste instante ela começa o duelo entre encolher e crescer ao tomar o líquido do frasco, comer o biscoito e segurar o leque do Coelho Branco (Carrol, 2013, p. 18). Estes elementos simbólicos são necessários para que a personagem possa atingir seu objetivo que é ultrapassar a pequena porta.

Nestas referências literárias, de William Donahay e Lewis Carrol existem situações que metaforicamente induzem a sensação de enco-

lhimento, a diminuição da escala humana frente às coisas do mundo. É a partir deste foco, deste ponto de vista que os trabalhos desta pesquisa se desenvolvem.

Esta imaginação fantasiosa pessoal tem relação direta com a natureza, pois ali vivem e estão muitos seres e coisas igualmente pequenas e invisíveis como alguns objetos que nos cercam. Este fato repercute na minha produção poética de maneira concreta e importante no que diz respeito a criar situações em que os objetos cotidianos pequenos sejam protagonistas a serviço de gerar sensações ora afetivas, estranhas, surreais ou ambíguas, bem como construir conhecimento sobre questões culturais que incluem o excesso da produção de objetos seu papel e a sua influência nas relações sociais.

Tais ações encontram-se em conformidade com a produção contemporânea em arte e encontra ressonância na obra de diferentes artistas. A partir do recorte que considera objetos e a escala, estabelecemos conexões com a obra de Petros Chrisostomou (Londres, 1981) e Robert Therrien (Chicago, 1947).

A minha produção em artes visuais está centrada principalmente na criação de objetos escultóricos e situações em que o objeto banal, pequeno e insignificante ganha outra visibilidade, seja pela acumulação, repetição ou pela junção de objetos (Nery, R. 2003).

Embora em estudos anteriores a busca pela valorização do objeto tenha sido salientada por gestos de seu uso e pela acumulação, atualmente o desejo é que se possa criar situações em que um conjunto de objetos interligados entre si correspondam a relação de simbiose e, portanto, ecossistemas, aqui inventados para a situação da presença humana e suas consequentes relações entre tamanhos.

Os trabalhos discutidos neste artigo resultam da experiência de intervenção artística realiza-

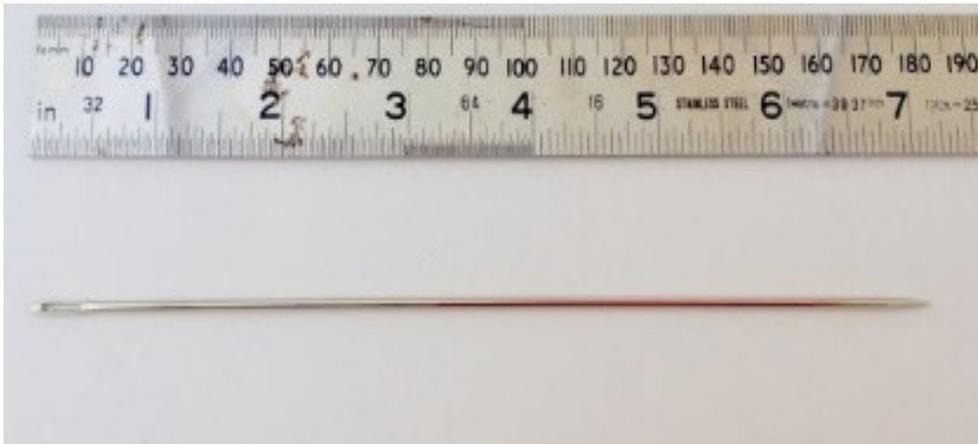


Figura 3. Agulha de costura. Fotografia de Roseli Nery

da na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa - FBAUL em Portugal durante o doutorado sanduiche. O trabalho teve auxílio da CAPES através do PDSE<sup>2</sup>. Este projeto contempla parte da pesquisa já desenvolvida acerca do objeto cotidiano, mas, mais especificamente, traz à tona, as possibilidades de criar situações perceptivas em relação à escala através de recurso fotográfico no qual estão sendo confrontados os objetos insignificantes e as pessoas.

#### **A ambiguidade da escala através da imagem: experiência na FBAUL**

É sabido que a noção de escala é diretamente ligada ao referencial, ou, melhor dizendo, ao ponto de vista de quem olha e também à relação entre o tamanho de quem olha e de quem, ou o que, é olhado, pois o corpo se coloca em uma comparação instantânea.

Assim, pretende-se estimular a percepção do espectador e ativar a sensação de grandeza ou pequenez a partir de pequenos acontecimentos estéticos, pela imagem fotográfica produzida a partir deles.

O projeto A escala das coisas desenvolvido na FBAUL teve início com deslocamentos pelas lojas populares de Lisboa a procura de objetos que se adequassem a proposta: objetos banais

e pequenos. A maioria dos objetos encontrados que obedeceram às condições previstas foram materiais de papelaria e retrosaria (matérias para costura), clips, ganchos, alfinetes, agulhas. Alguns apresentaram características especiais, como cor, formato e tamanho diferenciados daqueles até então usados na pesquisa. Agulhas de costura de mão medindo 18 cm (Figura 3) é um exemplo desta descoberta. Esta variação de tamanho que foge da escala que estamos acostumados favoreceu o desenvolvimento da série, pois através da fotografia seria possível criar ambiguidade de percepção.

A partir daí buscou-se aliar estes objetos com outros que tivessem relação direta com o tamanho do corpo humano. Foram escolhidos mobiliários de madeira em miniatura muito similares aos de uso comum, conhecidos por serem proporcionais a escala humana, como armário e cadeira (Figura 4).

A partir de várias experimentações fotográficas em estúdio fez-se a aproximação de objetos destes dois grupos, os pequenos e os móveis.

Dentre muitas fotografias obtidas para diversos locais da universidade, foram selecionadas três, que poderiam criar relação direta com o espaço físico da FBAUL. O prédio desta Universidade é bem peculiar, pois era um antigo mosteiro

Figura 4. Cadeira de madeira. Foto de Roseli Nery

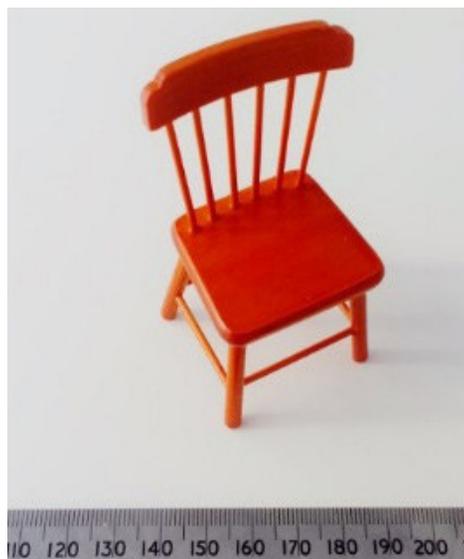
que passou por diversas reformas e adaptações para acolher a universidade, por isso é cheio de recantos interessantes, corredores, nichos de janelas e portas cegas. Para instalação das fotos escolheu-se lugares de passagens que tornasse o trabalho visível no cotidiano dos usuários do espaço. Foram eles: um corredor de passagem contendo um trio de cadeiras, e duas portas cegas, ou seja, duas antigas passagens que foram bloqueadas, uma próxima ao elevador e outra em um corredor em frente aos armários dos estudantes. Tendo em vista estas escolhas, as fotografias finais que associaram móveis e objetos pequenos passaram pela pós-produção e foram ampliadas de maneira que os objetos cadeiras e armário tivessem o tamanho da escala humana.

As fotografias foram impressas em papel e instaladas nas respectivas paredes previamente escolhidas. A intervenção permaneceu no espaço durante oito dias (Figuras 5, 6 e 7)

### Diálogos emergentes

Como encontrar a “chave de ouro”, parafraseando Lewis Carrol em Alice, que abrirá a porta minúscula de passagem a um mundo de mistério, ou um mundo de objetos muito comuns na nossa vida, mas que não percebemos? Metaforicamente, o olhar atento, a calma e a tranquilidade, o deixar-se levar pela curiosidade pode ser o caminho para esta chave tão preciosa.

O fato de instalar as fotografias nos espaços da FBAUL teve a intensão de mesclar o que já existia no espaço arquitetônico com o estranho, imaginário e fantasioso. O diferente que se relaciona com o entorno e chama a atenção para o que está na imagem. Objetos associados de maneira singular onde o tamanho e as proporções são fora do comum. Afinal o que tem tamanho real? Seria montagem? Manipulação da imagem? Cabe buscar as pistas visuais que permitem descobrir a fórmula, não antes de



deixar-se levar pela fantasia e imaginação para criar diferentes possibilidades que passam pela noção de tamanho das coisas e pelas relações que temos com elas. A experiência estética em

Figura 5. Intervenção A escala das coisas. Fotografia Digital. 1,20 X 0,80m. FBAUL, Portugal. 2014. Fotografia de Roseli Nery





Figura 6. Intervenção  
A escala das coisas.  
1,20 X 0,80m. FBAUL,  
Portugal. 2014. Foto-  
grafia de Roseli Nery

relação a estes trabalhos transita entre estas ideias de criação onde a fantasia é “tudo o que antes não existia, ainda que irrealizável,” e “... a

imaginação é o meio para tornar visível o que pensam a fantasia, a invenção e a criatividade” (Munari, 2007, p. 11, 24).

Instigar o espectador a pensar sobre as analogias de tamanho entre seu corpo e os objetos escolhidos é a intensão mais imediata do trabalho que, dependendo da percepção, e disposição em deixar-se levar pela experiência estética, a imaginação e a fantasia, poderá levar a outros níveis de pensamento os quais, quem sabe, poderá incluir suposições sobre as afinidades com os objetos que criamos e que estão por toda parte. Estes objetos muitas vezes se tornam sujeitos e disputam espaço com o seu criador. São metáforas simbólicas que nos colocam questões desafiantes, as quais circulam entre a imagem percebida e a imagem idealizada, a fantasia e a realidade se misturam e reverberam em nossas mentes.

Paralelamente a este projeto realizado em Lisboa, Petros Christostomou (Londres, 1981)



Figura 7. Intervenção  
A escala das coisas.  
0,50 x 1,20m. FBAUL,  
Portugal. 2014. Foto-  
grafia de Roseli Nery

Figura 8. Petros Christostomou. Strider (18 Fortis Green). 2006. Fotografia em cores 120 x 150 cm. Fonte: <http://www.petrosc.com>



Figura 9. Petros Christostomou. Wasted Youth (25 Ashbourne Ave) 2008. Fotografia em cores 150 x 120 cm. Fonte: <http://www.petrosc.com>



busca, através destas mesmas metáforas, criar situações surreais que colocam em contraponto o grande e o pequeno, onde este se agiganta seja nas ampliações fotográficas instaladas nas paredes ou nos ambientes domésticos inventados onde a miniatura se confunde com o natural e assim as relações de escala tornam-se evidentes e ao mesmo tempo dúbias (Figuras 8 e 9).

Segundo Diana Ribeiro o objetivo do artista é [...] “baralhar” os sentidos dos espectadores, levando-os a crer que aquilo que veem é real.

Petros utiliza objectos comuns do dia-a-dia, como um sapato, uma caneta ou um ovo, e joga com o seu tamanho. Para conseguir o efeito pretendido, fotografa-os em miniaturas de cenários e junta-lhes a iluminação e o ângulo correcto, iludindo assim qualquer um (RIBEIRO, 2011).

Figura 10 - Robert Therrien. Sem título (mesas e cadeiras dobráveis, bege). 2006. Coleção Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, NY. Disponível em: <http://artobserved.com>



Mesmo sem antes conhecer o trabalho de Petros, desenvolvemos objetos escultóricos orientados para fotografia que se assemelham nos seus objetivos e formas de apresentação. De maneira semelhante podemos chamar para este debate o trabalho de Robert Therrien (Figura 10).

Neste caso não é a fotografia que cria a ilusão da escala, mas sim objetos construídos em tamanho muito maior que o natural os quais ao serem colocados no espaço expositivo oferecem ao espectador a experiência real de sentir-se miniaturizado, uma espécie de vertigem. É como se tivéssemos tomado o líquido do frasco de Alice. O realismo dos objetos através da fotografia faz-nos duvidar quanto a sua veracidade. Considerando que o acesso mais fácil que temos a obras deste artista é a partir das imagens fotográficas, (pois nem sempre é possível estar presente nas exposições) poderíamos imaginar que existe simulação da realidade, mas neste caso, diferente das imagens de Petros e das imagens do projeto FBAUL os objetos são reais, produzidos em grandes dimensões. Tal projeto, mesmo de maneira diversa discute também as relações de escala entre pessoas e objetos levando o espectador a experimentar a sensação de encolhimento frente aos objetos que lhes são familiares.

### **Assentamentos estéticos perceptivos**

Fica evidente que o resultado da intervenção realizada no espaço físico da FBAUL foi possível devido a possibilidades técnicas inerentes da fotografia digital no que diz respeito à imediatez e facilidade de criação. Por outro lado, devido às inúmeras possibilidades de edição que fazem parte do entendimento comum sobre a fotografia, o espectador poderia acreditar que houve montagem ou manipulação das imagens, o que neste caso não aconteceu. Utilizamos princi-

palmente o recurso de ampliação para que os móveis em miniatura chegassem à escala do tamanho humano e consequentemente os objetos associados a eles simbioticamente como agulhas e alfinetes criassem uma sensação de ambiguidade e dúvida. Recorremos à essência primordial da fotografia, em parte evocamos seu caráter documental como espelho do real, mas também como ferramenta de transformação, pois segundo Dubois: “a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também culturalmente codificada (Dubois, 1993, p.26). Neste caso, a ampliação fotográfica é o recurso comparável a “chave de ouro” de Alice, através dela é possível colocarmo-nos frente a frente e na mesma escala dos pequenos objetos que antes passariam despercebidos. A fotografia ampliada e impressa funciona como a lente de aumento, nos permite criar novas realidades, pode nos aproximar das coisas ínfimas e insignificantes e dá condições para que se possa refletir sobre o que nos rodeia, nossas percepções cotidianas e nossas relações afetivas e sociais com os objetos.

### **Notas**

<sup>1</sup> Spiral Jetty é uma intervenção de Robert Smithson no ambiente natural medindo 4,6 m x 460,0 m que consiste em uma “estrada espiralada feita com pedras de basalto negro e terra, que se projeta nas águas do Great Salt Lake, em Utah, avermelhadas devido à presença de algas e dos resíduos químicos” (Dempsey, 2010).

<sup>2</sup> Processo CAPES nº 99999.003927/2014-08.

### **Referências**

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Martins Fontes. 2000.  
CARROL, Lewis. *Alice: Aventuras de Alice no*

país das maravilhas; & Através do espelho. Rio de Janeiro: Zahar. 2013.

CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de arte*. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

DEMPSEY, Amy. *Estilos, escolas e movimentos: guia enciclopédico da arte moderna*. São Paulo: Cosac Naif. 2010.

DONAHEY, Willian. *Os vizinhos dos Anõezinhos*. São Paulo: Melhoramentos, 1950.

DONDIS, Donis. *Sintaxe da Linguagem visual*. São Paulo, Martins Fontes. 1997.

LYNN BELDNER. Site da artista. Disponível em: < <http://www.lynnbeldner.com/stuff>>. Acesso em junho de 2015.

MOLES, Abraham. *A teoria dos objetos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1981.

MUNARI, Bruno. *Fantasia*. Lisboa: Edições 70, 2007.

NERY, Roseli. *Intimidades entrelaçadas: gestos, olhares e objetos na arte contemporânea*. Dissertação de mestrado. UFRGS/IA. 2003.

PONGE, Francis. *O partido das coisas*. São Paulo: Iluminuras. 2000.

PETROS CHRISOSTOMOU. Site do artista. Disponível em: <http://www.petrosc.com/> Acesso em junho de 2015.

RIBEIRO, Diana. *Petros Chrisostomou: a fotografia da ilusão*. 2011. Disponível em: [http://obviousmag.org/archives/2011/11/petros\\_chrisostomou\\_a\\_fotografia\\_da\\_ilusao.html](http://obviousmag.org/archives/2011/11/petros_chrisostomou_a_fotografia_da_ilusao.html). Acesso em março de 2015.

SMITHSON, Robert. *The spiral jetty*. In: N. Holt, The writings of Robert Smithson. Essays with illustrations. New York: University Press, 1979.